

## LIVRO: SONETOS DE FLORBELA ESPANCA

### Contexto da obra

### Fatos importantes

**1.908** – O rei D. Carlos e seu filho foram assassinados. Assumiu o trono D. Manuel II, com grande descontentamento do povo.

**1.910** – Instalou-se a República em Portugal. Teófilo Braga assumiu provisoriamente o governo.

**1.926** – Um golpe militar colocou a facção integralista no poder, dando origem ao estado novo.

**1.932** – Assumiu oficialmente o governo Antônio de Oliveira Salazar, então Ministro das Finanças. A ditadura Salazarista durou mais de 40 anos.

**1.970** – Morte de Salazar.

**1.974** – A Revolução dos Cravos pôs fim ao Salazarismo.

Florbela Espanca produz sua obra num momento em que a cultura de Portugal está recebendo fortes influências do Futurismo de Marinetti. A criação da revista Orpheu, por jovens escritores, Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros, cria um clima de escândalo e de irreverência.

Contudo, Florbela não se influencia por essas tendências revolucionárias e opta, entre outras formas de poesia, pelo soneto, marcando sua permanência no estilo mais conservador.

### Características da obra

***Florbela Espanca, a alma em expansão*** -Artigo de José Carlos A. Brito (adaptado)

Florbela Espanca foi uma poeta de extraordinária sensibilidade, Desde criança fazia versos originados de uma necessidade interior, que segundo os críticos eram avançados em relação à sua idade. É o processo de criação para atender às pressões do inconsciente e que levaram Florbela a uma permanente angústia de nunca conseguir expressar-se na proporção em que a força erótica de sua alma oculta o exigia. Como diz seu crítico José Regis, em estudo de 1952: “...*Nem o Deus que viesse ama-la, sendo um Deus, lograria satisfazer a sua ansiedade...*”

Sempre suas manifestações poéticas estavam aquém da necessidade desse outro ser, um inconsciente imaginativo a impulsionar os sentimentos desde dentro. Mas ela avançava sem preocupar-se muito com a poesia que circulava nos meios literários a seu redor. As revistas e movimentos como “*Orfeu*”, “*Presença*”, e outros, nada significavam de muito importante para ela e nisso o próprio modernismo passou despercebido em sua obra. Florbela poetava por uma necessidade intrínseca e seu estilo não se detinha em acompanhar escolas e modas da época.

Era, portanto, um vulcão de paixões inexplicáveis com fortes elementos do inconsciente coletivo, aflorando, além da expressão de sua alma traduzida pela metáfora do feminino, que no caso de Florbela era um fato plasmado através do narcisismo, utilizando-se para tanto de sua própria imagem. Resulta interessante notar essas sinalizações destacadas por José Régio: “...viveu a fundo esses estados quer de depressão, quer de exaltação, quer de concentração em si mesma, quer de dispersão em tudo, que na sua poesia atingem tão vibrante expressão...” Mais adiante em relação ao feminino “...Também de certo aparecem na nossa poesia autênticas poetisas, antes e depois de Florbela. Nenhuma, porém até hoje, viveu tão a sério um caso tão excepcional, e, ao mesmo tempo, tão significativamente humano...tão expressivamente feminino...”

José Régio, na mesma análise sobre Florbela, dá uma escorregada ao querer interpretar seu narcisismo como contradição de personalidade da poeta em relação à procura ou exaltação do seu amor. Utilizando certa forma pejorativa, mal percebe, esse crítico, o impressionante processo de expressão espontânea do feminino inspirador, que a poeta mulher faz surgir por imagens mal compreendidas quando conceituadas como narcisismo. Indo da incompreensão à censura, vejamos o que nos fala Régio a respeito: “...*Todavía não creio que em tais sonetos se exprima o singular de Florbela. Embora fazendo sonetos de amor até ao fim, e não obstante a feminilidade que já vimos dar tom ao seu narcisismo, lembremo-nos, continuemos a lembrarmos que Florbela gosta demasiado de si mesma, comprazendo-se em cantar “os leves arabescos” do seu corpo, a sua “pele de âmbar” os seu “olhos garços”, sobretudo as suas mãos que tanto veste de imagens. Pormenor impressionante: O que em si própria mais parece agradar-lhe – as mãos e os olhos – é o que também mais canta no amante amado. Dir-se-ia que ainda nele se espelha e se procura. E sem dúvida poderemos pensar que, em vários de seus sonetos considerados de amor, ela é que é o verdadeiro motivo; e o pretense amado um pretexto. Ora, narcisismo e egolatria não parecem que sejam muito favoráveis ao dom de amar.*”

Seria uma pequena ilusão encontra-la de forma permanente no sexo oposto, mas a incitação à possibilidade inicial da paixão leva a poeta a procura-la nos homens, desiludindo-se, nos três casamentos desfeitos em apenas 15 anos.

Sem esquecer que existe a necessidade de criar o pólo oposto para estabelecer a tensão necessária à criação, pois a energia nasce da relação dinâmica entres esses opostos.

Compreende-se o anúncio insistente da procura, e também as formas sinceras de imaginar tal encontro como formas de amor, ou na imagem do seu feminino, ou nas tentativas de ternura, inclusive em relação ao seu amado irmão. E isso é a poesia de Florbela, anunciação da insatisfação por não encontrar-se. !

As críticas em geral não acertaram esse compasso espiritual de Florbela, quando a analisam “...desligada de preocupações de conteúdo humanista ou social. Inserida em seu mundo pequeno burguês...(observação citada por Rolando Galvão). Uma análise insensível, por não levar em conta o mergulho da poeta na criação individual, pois, dessa forma conseguiria sua profunda inserção na comunidade, como de fato veio acontecer posteriormente.

Florbela fez sua poesia em sonetos, pouco se preocupando com o estilo modernista, como já dissemos, porque a essência de seu fluxo poético encaixou-se melhor nessa forma (e, por acaso, não seria igualmente essa forma de cadência, ritmo e melodia a indicada por seu ativo imaginário do inconsciente?). Mesmo, nessa técnica escolhida, despreocupou-se com a formalidade do verso; precisava dizer urgentemente ao mundo o que borbulhava dentro dela.

Florbela é poesia bruta, pura, como a explosão dos astros, e é por isso também extremamente vidente, ao perceber, desde seu mundo oculto um *Alguém* articulador (que vem de algum lugar obscuro?), manejando os mecanismos de seu emergir espontâneo. Alguém a provocar-lhe sede, mas que não lhe dá água de beber “...*Alguém que veio ao mundo pra me ver e que nunca na vida me encontrou.*”, visão extraordinária do inconsciente vivo, onde ela dialoga com o símbolo difuso, diríamos.

Mas ao defrontar-se com a realidade, quase desconhecida e a ela desacostumada, exagerava em dizer que seu corpo era feio diante do espelho. Mesmo que não o fosse, a visão não correspondia a seu estado de sonho, cujo conceito do belo estava além da realidade.

*Até agora eu não me conhecia.*

*Julgava que era Eu e eu não era*

*Aquela que em meus versos descrevera*

*Tão clara como a fonte e como o dia.*

*Mas que eu não era Eu não o sabia*

*E, mesmo que o soubesse, não o dissera*

*Olhos fitos em rútila quimera*

*Andava atrás de mim e não me via! (EU II)*

E ao final Florbela, frente ao dilema de ser ou não ser, terminava correndo para o refúgio da própria poesia, seu ser transcendente, que corresponderia à unidade desses dois contrários: o símbolo permanente de sua possível salvação. O sofrimento vinha dessa incompatibilidade entre o corpo real e o corpo da alma. Florbela precisaria de um meio termo,

não como média, mas como síntese simbólica ou filosófica. Talvez a filosofia oriental fosse-lhe propícia naquele momento de domínio da incompreensão total, exercida sobre ela até pela cultura circundante. Pois, o meio em que se locomovia era fruto das máscaras do valor aparente, das conquistas violentas, da supervalorização física, a nostalgia dos feitos colonizadores, que em Portugal (sem excluir outros países colonialistas) oprimia a alma de seus poetas profundos (veja-se Fernando Pessoa, morto por alcoolismo, ou mesmo Sá Carneiro, levado ao suicídio)

Em outra cultura mais espiritual, Florbela, provavelmente teria sobrevivido, conseguindo que sua psique encontrasse parcerias externas, na condução de seu erotismo ao caminho da harmonia, ou o equilíbrio entre a alma insaciável e o corpo real, encaixando-se conteúdo e forma, em sua vida como na poesia, misturando a imaginação com a vida real.

Desse País inexplicável, Florbela, consegue chegar a ponto de perceber o quanto a indecifrável e frustrada história “da pátria” se mistura com os enigmas de sua alma, que a levarão a sucumbir por não suportar mais esse desejo insaciável e desconhecido, não consumado.

A poeta, ao refletir sobre essa trajetória, percebe seu sonho misturado a um vago sonho coletivo, que para ela foi “...um sonho alado erguido em horas de demência...”. Não há realidade palpável, onde possa firmar-se; não vem o Desejado e nem o Infante, duas figuras; a do seu desejo e a do desejo da imaginação da coletividade (através de uma máscara coletiva de feitos e heróis). Aquilo que seria o transcendente - sua própria poesia - já não encontrava meios psíquicos de fazê-la viver, porque ela própria já não possuía mais recursos para sustentar-se na vida das imagens.

## ***Antologia Poética de FLORBELA ESPANCA***

### ***Os versos que te fiz***

Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que a minha boca tem pra te dizer !  
São talhados em mármore de Paros  
Cinzelados por mim pra te oferecer.

Têm dolência de veludos caros,  
São como sedas pálidas a arder ...  
Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que foram feitos pra te endoidecer !

Mas, meu Amor, eu não tos digo ainda ...  
Que a boca da mulher é sempre linda  
Se dentro guarda um verso que não diz !

Amo-te tanto ! E nunca te beijei ...  
E nesse beijo, Amor, que eu te não dei  
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

### **Amar**

*Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: Aqui...Além...  
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
Amar!Amar! E não amar ninguém!*

*Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem dizer que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!*

*Há uma primavera em cada vida:  
É preciso canta-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!*

*E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder...pra me encontrar...*

### **Nostalgia**

*Nesse País de lenda, que me encanta,  
Ficaram meus brocados, que despi,  
E as jóias que pelas aias reparti  
Como outras rosas da Rainha Santa!*

*Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!  
Foi por lá que as semeei e que as perdi...  
Mostrem-me esse País em que eu nasci!  
Mostrem-me o Reino de que eu sou infanta!*

*Ó meu País de sonho e de ansiedade,  
Não sei se esta quimera que me assombra,  
É feita de mentira ou de verdade!*

*Quero voltar! Não sei por onde vim...  
Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra  
Por entre tanta sombra igual a mim!*

### **Ambiciosa**

Para aqueles fantasmas que passaram,  
Vagabundos a quem jurei amar,  
Nunca os meus braços lânguidos traçaram  
O voo dum gesto para os alcançar ...

Se as minhas mãos em garra se cravaram  
Sobre um amor em sangue a palpitar ...  
\_\_Quantas panteras bárbaras mataram  
Só pelo raro gosto de matar !

Minh' alma é como a pedra funerária  
Erguida na montanha solitária  
Interrogando a vibração dos céus !

O amor dum homem ? \_\_Terra tão pisada,  
Gota de chuva ao vento baloiçada ...  
Um homem ? \_\_Quando eu sonho o amor de um Deus ! ...

### **Tédio**

Passo pálida e triste. Oiço dizer

"Que branca que ela é! Parece morta!"  
E eu que vou sonhando, vaga, absorta,  
Não tenho um gesto, ou um olhar sequer...

Que diga o mundo e a gente o que quiser!  
-O que é que isso me faz?... o que me importa?..  
O frio que trago dentro gela e corta  
Tudo que é sonho e graça na mulher!

O que é que isso me importa?! Essa tristeza  
É menos dor intensa que frieza,  
É um tédio profundo de viver!

E é tudo sempre o mesmo, eternamente...  
O mesmo lago plácido, dormente dias,  
E os dias, sempre os mesmos, a correr...

### **A maior tortura**

*A um grande poeta de Portugal*

Na vida, para mim, não há deleite.  
Ando a chorar convulsa noite e dia ...  
E não tenho uma sombra fugidia  
Onde poise a cabeça, onde me deite !

E nem flor de lilás tenho que enfeite  
A minha atroz, imensa nostalgia ! ...  
A minha pobre Mãe tão branca e fria  
Deu-me a beber a Mágoa no seu leite !

Poeta, eu sou um cardo desprezado,  
A urze que se pisa sob os pés.  
Sou, como tu, um riso desgraçado !

Mas a minha tortura inda é maior:

Não ser poeta assim como tu és  
Para gritar num verso a minha Dor ! ...

### ***Eu ...***

Eu sou a que no mundo anda perdida,  
Eu sou a que na vida não tem norte,  
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte  
Sou a crucificada ... a dolorida ...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,  
E que o destino amargo, triste e forte,  
Impele brutalmente para a morte!  
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...  
Sou a que chamam triste sem o ser...  
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,  
Alguém que veio ao mundo pra me ver,  
E que nunca na vida me encontrou!

### ***Lágrimas ocultas***

Se me ponho a cismar em outras eras  
Em que ri e cantei, em que era q'rida,  
Parece-me que foi noutras esferas,  
Parece-me que foi numa outra vida...

E a minha triste boca dolorida  
Que dantes tinha o rir das Primaveras,  
Esbate as linhas graves e severas  
E cai num abandono de esquecida!

E fico, pensativa, olhando o vago...

Toma a brandura plácida dum lago  
O meu rosto de monja de marfim...

E as lágrimas que choro, branca e calma,  
Ninguém as vê brotar dentro da alma!  
Ninguém as vê cair dentro de mim!

### ***Deixai entrar a morte***

*Deixai entrar a morte, a iluminada,  
A que vem para mim, pra me levar,  
Abri todas as portas par em par  
Como asas a bater em revoada.*

*Que sou eu neste mundo? A deserdada,  
A que prendeu nas mãos todo o luar,  
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar,  
E que, ao abri-las não encontrou nada!*

*Ó Mãe! Ó minha Mãe, pra que nasceste?  
Entre agonias e em dores tamanhas  
Pra que foi, dize lá, que me trouxeste*

*Dentro de ti?...pra que eu tivesse sido  
Somente o fruto das entranhas  
Dum lírio que em má hora foi nascido!...*

### ***Sonho vago***

Um sonho alado que nasceu um instante,  
Erguido ao alto em horas de demência  
Gotas de água que tombem em cadência  
Na minha alma, tristíssima, distante...

Onde está ele o Desejado? O Infante?  
O que há de vir e amar-me em doida ardência?  
O das horas de mágoa e penitencia ?

O Príncipe Encantado? O Eleito? O Amante?

*E neste sonho eu já nem sei quem sou  
O brando marulhar de um longo beijo  
Que não chegou a dar-se e que passou...*

*Um fogo-fátuo rútilo, talvez...  
E eu ando a procurar-te e já te vejo!  
E tu já me encontras-te e não me vês!*

### **Ser poeta**

*Ser poeta é ser mais alto, é ser maior  
Do que os homens! Morder como quem beija!  
É ser mendigo e dar como quem seja  
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!*

*É ter mil desejos o esplendor  
E não saber sequer que se deseja!  
É ter cá dentro um astro que flameja,  
É ter garras e asas de condor!*

*É ter fome, é ter sede do Infinito!  
Por elmo, as manhãs de ouro e de cetim  
É condensar o mundo num só grito!*

*E é amar-te assim perdidamente  
E seres alma e sangue e vida em mim  
E dize-lo cantando a toda a gente.*

### **Este livro**

Este livro é de mágoas. Desgraçados os  
Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!  
Somente a vossa dor de Torturados  
Pode, talvez, senti-lo...e compreendê-lo.

Este livro é para vós. Abençoados  
Os que o sentirem, sem ser bom nem belo!  
Bíblia de tristes...Ó Desventurados,  
Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!

Livro de Mágoas...Dores...Ansiedades!  
Livro de Sombras...Névoas e Saudades!  
Vai pelo mundo...(Trouxe-o no meu seio...)

Irmãos na Dor, os olhos rasos de água,  
Chorai comigo a minha imensa mágoa,  
Lendo o meu livro só de mágoas cheio!...

### ***Tortura***

Tirar dentro do peito a Emoção,  
A lúcida Verdade, o Sentimento!  
-- E ser, depois de vir do coração,  
Um punhado de cinza esparso ao vento!...

Sonhar um verso de alto pensamento,  
E puro como um ritmo de oração!  
-- E ser, depois de vir do coração,  
O pó, o nada, o sonho dum momento...

São assim ocos, rudes, os meus versos:  
Rimas perdidas, vendavais dispersos,  
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,  
O verso altivo e forte, estranho e duro,  
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!!

### ***Torre de névoa***

Subi ao alto, à minha Torre esguia,  
Feita de fumo, névoas e luar,

E pus-me, comovida, a conversar  
Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria  
Dos versos que são meus, do meu sonhar.  
E todos os poetas, a chorar,  
Responderam-me então: "Que fantasia,

Criança doida e crente! Nós também  
Tivemos ilusões, como ninguém,  
E tudo nos fugiu, tudo morreu!..."

Calaram-se os poetas, tristemente...  
E é desde então que eu choro amargamente  
Na minha Torre esguia junto ao céu"!...

### ***Dizeres íntimos***

É tão triste morrer na minha idade!  
E vou ver os meus olhos, penitentes  
Vestidinhos de roxo, como crentes  
Do soturno convento da Saudade!

E logo vou olhar (com que ansiedade!...)  
As minhas mãos esguias, languescentes,  
Mãos de brancos dedos, uns bebés doentes  
Que hão-de morrer em plena mocidade!

E ser-se novo é ter-se o Paraíso  
É ter-se a estrada larga, ao sol, florida,  
Aonde tudo é luz e graça e riso!

E os meus vinte e três anos...(Sou tão nova!)  
Dizem baixinho a rir "Que linda a vida!..."  
Responde a minha Dor: "Que linda a cova!"

## ***Neuratenia***

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!  
Um sino dobra em mim Ave-Marias!  
Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,  
Faz na vidraça rendas de Veneza...

O vento desgrenhado chora e reza  
Por alma dos que estão nas agonias!  
E flocos de neve, aves brancas, frias,  
Batem as asas pela Natureza...

Chuva...tenho tristeza! Mas porquê?!  
Vento...tenho saudades! Mas de quê?!  
Ó neve que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!  
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,  
Digam isto que sinto que eu não posso !!...

## ***Pior velhice***

Sou velha e triste. Nunca o alvorecer  
Dum riso são andou na minha boca!  
Gritando que me acudam, em voz rouca,  
Eu, náufraga da Vida, ando a morrer!

A Vida, que ao nascer, enfeita e touca  
De alvas rosas a fronte da mulher,  
Na minha fronte mística de louca  
Martírios só poisou a emurchececer!

E dizem que sou nova... A mocidade  
Estará só, então, na nossa idade,  
Ou está em nós e em nosso peito mora?!

Tenho a pior velhice, a que é mais triste,

Aquela onde nem sequer existe  
Lembrança de ter sido nova... outrora...

### ***De joelhos***

"Bendita seja a Mãe que te gerou."  
Bendito o leite que te fez crescer.  
Bendito o berço aonde te embalou  
A tua ama, pra te adormecer!

Bendita essa canção que acalentou  
Da tua vida o doce alvorecer...  
Bendita seja a Luz, que inundou  
De luz, a Terra, só para te ver...

Benditos sejam todos que te amarem,  
As que em volta de ti ajoelharem  
Numa grande paixão fervente e louca!

E se mais que eu, um dia, te quiser  
Alguém, bendita seja essa Mulher,  
Bendito seja o beijo dessa boca!!

### ***Em busca do amor***

O meu Destino disse-me a chorar:  
"Pela estrada da Vida vai andando,  
E, aos que vires passar, interrogando  
Acerca do Amor, que hás-de encontrar."

Fui pela estrada a rir e a cantar  
As contas do meu sonho desfiando...  
E a noite e dia, à chuva e ao luar,  
Fui sempre caminhando e perguntando...

Mesmo a um velho eu perguntei: "Velhinho,  
Viste o Amor acaso em teu caminho?"  
E o velho estremeceu... olhou...e riu...

Agora pela estrada, já cansados,  
Voltam todos pra trás desanimados...  
E eu paro a murmurar: "Ninguém o viu!..."

### ***Renúncia***

A minha mocidade outrora eu pus  
No tranquilo convento da Tristeza;  
Lá passa dias, noites, sempre presa,  
Olhos fechados, magras mãos em cruz...

Lá fora, a Lua, Satanás, seduz!  
Desdobra-se em requintes de Beleza...  
É como um beijo ardente a Natureza...  
A minha cela é como um rio de luz...

Fecha os teus olhos bem! Não vejas nada!  
Empalidece mais! E, resignada,  
Prende os teus braços a uma cruz maior!

Gela ainda a mortalha que te encerra!  
Enche a boca de cinzas e de terra,  
Ó minha mocidade toda em flor!

### **Biografia de Florbela Espanca (8-12-1894, Vila Viçosa - 8-12-1930, Matosinhos)**

Poetisa portuguesa, nasceu filha ilegítima de João Maria Espanca e de Antónia da Conceição Lobo, criada de servir (como se dizia na época), que morreu com apenas 36 anos, «de uma doença que ninguém entendeu», mas que veio designada na certidão de óbito como nevrose. Registrada como filha de pai incógnito, foi todavia educada pelo pai e pela madrasta, Mariana Espanca, em Vila Viçosa, tal como seu irmão de sangue, Apeles Espanca, nascido em 1897 e registrado da mesma maneira.

Note-se como curiosidade que o pai, que sempre a acompanhou, só 19 anos após a morte da poetisa, por altura da inauguração do seu busto, em Évora, e por insistência de um grupo de florbelianos, a perfilhou. Estudou no liceu de Évora, mas só depois do seu casamento (1913) com Alberto Moutinho concluiu, em 1917, a secção de Letras do Curso dos Liceus. Em Outubro desse mesmo ano matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, que passou a frequentar. Na capital, contactou com outros poetas da época e com o grupo de mulheres escritoras que então procurava impor-se. Colaborou em jornais e revistas, entre os quais o Portugal Feminino.

Em 1919, quando frequentava o terceiro ano de Direito, publicou a sua primeira obra poética, Livro de Mágoas. Em 1921, divorciou-se de Alberto Moutinho, de quem vivia separada havia alguns anos, e voltou a casar, no Porto, com o oficial de artilharia António Guimarães. Nesse ano também o seu pai se divorciou, para casar, no ano seguinte, com Henriqueta Almeida. Em 1923, publicou o Livro de Sórora Saudade. Em 1925, Florbela casou-se, pela terceira vez, com o médico Mário Laje, em Matosinhos.

Os casamentos falhados, assim como as desilusões amorosas, em geral, e a morte do irmão, Apeles Espanca (a quem Florbela estava ligada por fortes laços afetivos), num acidente com o avião que tripulava sobre o rio Tejo, em 1927, marcaram profundamente a sua vida e obra. Em Dezembro de 1930, agravados os problemas de saúde, sobretudo de ordem psicológica, Florbela morreu em Matosinhos, tendo sido apresentada como causa da morte, oficialmente, um «edema pulmonar».

Postumamente foram publicadas as obras Charneca em Flor (1930), Cartas de Florbela Espanca, por Guido Battelli (1930), Juvenília (1930), As Marcas do Destino (1931, contos), Cartas de Florbela Espanca, por Azinhal Botelho e José Emídio Amaro (1949) e Diário do Último Ano Seguido De Um Poema Sem Título, com prefácio de Natália Correia (1981). O livro de contos Dominó Preto ou Dominó Negro, várias vezes anunciado (1931, 1967), seria publicado em 1982.

A poesia de Florbela caracteriza-se pela recorrência dos temas do sofrimento, da solidão, do desencanto, aliados a uma imensa ternura e a um desejo de felicidade e plenitude que só poderão ser alcançados no absoluto, no infinito. A veemência passional da sua linguagem, marcadamente pessoal, centrada nas suas próprias frustrações e anseios, é de um sensualismo muitas vezes erótico. Simultaneamente, a paisagem da charneca alentejana está presente em muitas das suas imagens e poemas, transbordando a convulsão interior da poetisa para a natureza.

Florbela Espanca não se ligou claramente a qualquer movimento literário. Está mais perto do neo-romantismo e de certos poetas de fim-de-século, portugueses e

estrangeiros, que da revolução dos modernistas, a que foi alheia. Pelo caráter confessional, sentimental, da sua poesia, segue a linha de António Nobre, fato reconhecido pela poetisa. Por outro lado, a técnica do soneto, que a celebrizou, é, sobretudo, influência de Antero de Quental e, mais longinquamente, de Camões.

Poetisa de excessos, cultivou exacerbadamente a paixão, com voz marcadamente feminina (em que alguns críticos encontram dom-joanismo no feminino). A sua poesia, mesmo pecando por vezes por algum convencionalismo, tem suscitado interesse contínuo de leitores e investigadores. É tida como a grande figura feminina das primeiras décadas da literatura portuguesa do século XX.

Em Dezembro de 1.930, na passagem do dia 7 para o dia 8, ritualisticamente na data de seu aniversário, Florbela D'Alma da Conceição Espanca suicida-se em Matosinhos, ingerindo uma excessiva dose do medicamento Veronal.

Algumas décadas depois, em Maio de 1.964, seus restos mortais são transportados para Vila Viçosa, “a terra alentejana a que estranhamente quero”.

## QUESTÕES SOBRE OS SONETOS DE FLORBELA ESPANCA

01. Entre os recursos poéticos utilizados por Florbela Espanca está a figura de linguagem conhecida como ANÁFORA. Assinale a alternativa em cujos versos essa figura se manifesta:

a) Sou aquela que passa e ninguém vê...

Sou a que chamam triste sem o ser...

Sou a que chora sem saber porquê...

b) E é tudo sempre o mesmo, eternamente...

O mesmo lago plácido, dormente dias,

E os dias, sempre os mesmos, a correr...

c) Sou talvez a visão que Alguém sonhou,

Alguém que veio ao mundo pra me ver,

E que nunca na vida me encontrou!

d) Passo pálida e triste. Oiço dizer  
"Que branca que ela é! Parece morta!"  
E eu que vou sonhando, vaga, absorta,  
Não tenho um gesto, ou um olhar sequer...

e) Para aqueles fantasmas que passaram,  
Vagabundos a quem jurei amar,  
Nunca os meus braços lânguidos traçaram  
O voo dum gesto para os alcançar ...

02. O crítico português José Régio manifestou-se acerca da obra de Florbela Espanca da seguinte forma: "...viveu a fundo esses estados quer de depressão, quer de exaltação, quer de concentração em si mesma, quer de dispersão em tudo, que na sua poesia atingem tão vibrante expressão...". A temática desenvolvida por Florbela Espanca, dessa forma, **não** poderia passar pelo que é descrito na alternativa:

- a) culto do eu, numa atitude extremamente subjetiva.
- b) Valorização das emoções como fundamento na compreensão do mundo.
- c) Desejo de liberdade em relação às convenções sociais.
- d) Nacionalismo exacerbado na defesa da soberania da pátria.
- e) Pessimismo na avaliação da própria existência.

03. Leia cuidadosamente o verso abaixo:

***"E se um dia hei de ser pó, cinza e nada"***

Nesse verso, a poetisa usa de uma figura de linguagem bastante significativa para a expressão poética. Essa figura aparece corretamente descrita na alternativa:

- a) Metonímia, pois o pó é uma parte do que o "eu" será.
- b) Apóstrofe, devido à invocação presente em "hei de ser".
- c) Paradoxo, pois ser pó é ser algo; quem é pó não poderia ser "nada".
- d) Hipérbato, na inversão sintática da oração "um dia hei de ser"
- e) Gradação, na sequência de anulação do ser pó-sombra-nada.

04. Sobre a forma poética preferida de Florbela Espanca, o soneto, podemos dizer que se define como:

- a) Forma clássica com 14 versos dispostos em 4 estrofes, independente do número de versos que cada uma possa conter.

- b) Forma clássica com um número de versos que pode variar de 14 a 20, dispostos em quartetos e tercetos alternadamente.
- c) Forma moderna de poesia em que não há regras claras em relação à métrica dos versos que compõem o poema.
- d) Forma medieval de composição que se ajusta à temática do amor conforme as cantigas de amor e de amigo.
- e) Forma poética clássica composta de 14 versos divididos em 2 quartetos e 2 tercetos, nessa ordem e que submete ao rigor métrico dos versos que devem ser simétricos.

05. Leia o texto abaixo e responda ao que se pede:

#### SONHO VAGO:

Um sonho alado que nasceu um instante,  
Erguido ao alto em horas de demência  
Gotas de água que tombem em cadencia  
Na minha alma, tristíssima, distante...

Onde está ele o Desejado? O Infante?  
O que há de vir e amar-me em doida ardência?  
O das horas de mágoa e penitencia ?  
O Príncipe Encantado? O Eleito? O Amante?

E neste sonho eu já nem sei quem sou  
O brando marulhar de um longo beijo  
Que não chegou a dar-se e que passou...

Um fogo-fátuo rútilo, talvez...  
E eu ando a procurar-te e já te vejo!  
E tu já me encontras-te e não me vês!

Embora Folrbela Espanca seja uma autora do tempo do Modernismo, os críticos afirmam que ela nunca aliou-se aos ideais do orfismo português. Aliás, os elementos presentes na

composição do poema “Sonho Vago”, nos remetem a um modelo estético mais representativo do pensamento:

- a) Árcade
- b) Barroco
- c) Romântico
- d) Parnasiano
- e) Realista